

Luís
DE
Camões

Os
Lusíadas

LEITURA, PREFÁCIO, E NOTAS DE
ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO

APRESENTAÇÃO DE
ANÍBAL PINTO DE CASTRO



Os Lusíadas de Luís de Camões /prefácio de Álvaro Júlio da Costa Pimpão; apresentação de Aníbal Pinto de Castro - 4.ª ed. - Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000 - LIX, 560 p.; 16 x 23 cm.

ENSINO DE LÍNGUAS - LÍNGUA PORTUGUESA –
LITERATURA

Título

OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES

1.a Edição, 1972

2.ª Edição, 1989

3.a Edição, 1992

4.a Edição, 2000

INSTITUTO CAMÕES
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

© *Instituto Camões*

Divisão de Edição, Documentação e Equipamentos

Rua Rodrigues Sampaio, n.º 113 – 1159-279 LISBOA

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

Tiragem

3000 exemplares

Capa

José Brandão

Composição, Impressão e Acabamento



Estrada de Mem Martins, 4 – S. Carlos, Apartado 113

2726-901 Mem Martins – PORTUGAL

Tel. 219 266 600

Fax. 219 202 765

Internet: www.eme.pt E-mail: geral@eme.pt

ISBN 972-566-187-7

Depósito Legal N.º 156 600100

À GUISA DE APRESENTAÇÃO

Não querendo ficar alheio às comemorações do IV Centenário da publicação d'*Os Lusíadas*, decidira o Instituto de Alta Cultura promover em 1972 uma edição do Poema e organizar um colóquio de Estudos Camonianos. Para assumir a responsabilidade de ambas as tarefas, convidava o saudoso Professor Álvaro J. da Costa Pimpão, por carta de 10 de Setembro de 1970, subscrita pelo Prof. Eng.º Manuel José de Castro Petrony de Abreu Faro, ao tempo esclarecido e dinâmico Presidente daquela prestigiosa instituição, cuja acção na formação dos quadros da Universidade portuguesa, ao longo de várias décadas, nunca será demais lembrar e agradecer.

Tinha já o Prof. Costa Pimpão concordado em encarregar-se da edição, mas não aceitou a organização do colóquio, consciente como estava da magnitude do trabalho a desenvolver para a preparação crítica do texto d'*Os Lusíadas*, cuja dificuldade e delicadeza bem conhecia. Nesse sentido e invocando essas razões, respondia ao Prof. Abreu Faro, em carta de 18 daquele mesmo mês de Setembro.

A ideia da edição mereceu-lhe, porém, imediato e entusiástico aplauso e não tardou em consagrar-lhe toda a atenção que ela exigia, mesmo a quem, como ele, viera acumulando um precioso cabedal de saber e de experiência no domínio dos Estudos Camonianos em geral e da crítica textual em particular, desde que, por 1942, começara a trabalhar no estabelecimento do texto da Lírica¹.

Quando, no entanto, no auge desse entusiasmo, se preparava para a etapa final da tarefa, viu-se obrigado a interrompê-la durante vários meses, em consequência de graves perturbações da visão, que o levariam à Clínica Barraquer, de Barcelona, para, nos primeiros dias de Junho de 1972, ser operado a um descolamento de retina. Com um misto de amargura e de ironia, escrevia-me o velho Mestre, a 5 de Maio desse ano, seis escassos meses antes da sua jubilação universitária:

“Vou acabar a minha vida académica com Camões; e, para melhor me assemelhar ao Épico, resolvi *manquejar* do olho direito. Só que não fui atingido pela ‘fúria rara de Marte’, mas pelo terrível poder dos Fados, que resolveram

prejudicar-me quando eu me preparava para me entregar em cheio às minhas tarefas urgentes!”

Vencida a crise, o trabalho iria prosseguir, sem desânimo nem interrupção, mas sob a enervante premência do tempo. O ano jubilar de 1972 passaria sem que o volume pudesse sair dos prelos da Imprensa Nacional; e só nas vésperas do Natal de 1973, Costa Pimpão podia acompanhar as Boas Festas dirigidas a colegas e amigos com os primeiros exemplares da nova e almejada edição.

Ao partir para a realização do encargo que recebera do Instituto de Alta Cultura, não ignorava Costa Pimpão as dificuldades que o esperavam, independentemente dos problemas de saúde que viriam depois apoquentá-lo.

Apresentar uma nova edição d’*Os Lusíadas* assinalando-a com a marca visível da forte personalidade crítica e científica do novo editor, depois de tão longa série de comentários ao Poema, desde Faria e Sousa a Augusto Epifânio da Silva Dias, requeria na verdade uma garra e um saber difíceis de reunir. O Doutor Costa Pimpão, todavia, conseguiu dar não *mais uma* edição, mas *a sua* edição da Epopeia camoniana, orientando todo o seu labor, segundo dois objectivos primaciais - o estabelecimento de um texto capaz de oferecer uma sólida segurança crítica e o desenvolvimento de uma hermenêutica sobre esse mesmo texto, mercê da qual pudesse clarificar a sua interpretação, sem repetir coisas ditas ou sabidas, antes corrigindo, sempre que necessário e justo, leituras deficientes ou erradas dos comentadores que o haviam antecedido, e aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para trazer a público as conclusões a que, fundamentado na análise intrínseca da obra camoniana (e de outros elementos não dispomos!) chegara quanto à época em que o Poema fora escrito ².

Para o estabelecimento do texto baseou-se na edição *A* ou *Ee*, de 1572 (aquela em cuja portada o pelicano da gravura apresenta o colo virado para a esquerda do leitor), considerando a *B* ou *E* (que tem o pelicano com o pescoço voltado para a direita) como imperfeita contrafacção daquela.

Não fez tal opção de ânimo leve; bem pelo contrário, baseou-se para ela num aturado cotejo das lições de ambas, e de ambas com a de Manuel Correia, de 1613, sem esquecer ainda a de Faria e Sousa, de 1639.

Cabe sublinhar e louvar tão flagrante preocupação de exacção, bem patente no capítulo II do Prefácio, sobretudo se considerarmos a extrema raridade da edição *E*, que só viria ao fácil alcance dos investigadores em 1982, quando a Comissão Camoniana da Academia de Ciências de Lisboa publicou na Imprensa Nacional-Casa da Moeda a reprodução paralela das duas versões de 1572, com uma nota preambular de Bernardo Xavier Coutinho. E convém não esquecer ainda que a exaustiva investigação posteriormente desenvolvida por este Professor, assinalando a existência de várias outras contrafacções ou, pelo menos, de diferentes tiragens, não pôs em causa o essencial da posição assumida em 1972 por Costa Pimpão³.

O estabelecimento do texto obedeceu à finalidade primacial do colocar *Os Lusíadas* à imediata disposição do grande público, sem com isso o privar dos traços mais característicos do idiolecto poético camoniano, considerado num determinado momento da história da língua e da linguagem poética portuguesas. Tal preocupação, que não pode deixar de merecer incondicional aplauso, assumiu, porém, no espírito do Editor tão grandes proporções, que o levou a contrariar algumas vezes os critérios de fidelidade ao texto *princeps*, por ele próprio estabelecidos e defendidos. Rejeitou assim, sem justificação convincente, formas como *artefício*, *infiado*, *insinar*, *fruito* (a rimar com *muito*), *menhã*, *mintiroso*, etc.,⁴ apesar de perfeitamente inteligíveis para o leitor actual; e uniformizou indevidamente grafias como *deziã*, em alternância com *diziã*, no texto camoniano, baseado apenas nos índices de ocorrência, quando tal oscilação pode significar – e creio que significa – uma simples hesitação na realização fonética, própria dos períodos de transição, na variação diacrónica da língua.

Não obstante este senão, encontramos nesta edição um texto inteligentemente modernizado, em função de uma rara sensibilidade estilística e de um sólido saber linguístico. O intuito de o tornar acessível não fez perder ao responsável por essa modernização o respeito pela história da língua, pela peculiaridade da linguagem camoniana e pelos efeitos estilísticos obtidos pelo Poeta mediante certos traços da fonética ou da sintaxe do português quinhentista.

De fundamental importância para a qualidade e acessibilidade desta lição d'*Os Lusíadas* é a pontuação. Sendo impossível e contraproducente manter a pontuação original, cuja

responsabilidade não pertenceu decerto, pelo menos em exclusivo, a Camões, Costa Pimpão conjugou de maneira exemplar o rigor, a sobriedade e a clareza, de modo a evidenciar os valores semânticos em jogo, simultaneamente com as formas de expressão que lhes correspondem.

Por muito perfeito que o texto se apresentasse, uma edição d’Os *Lusíadas* destinada ao leitor comum estaria muito longe de satisfazer a sua curiosidade, os seus interesses, ou as suas necessidades, se aparecesse desprovida de notas e comentários que o ajudassem no seu trabalho de interpretação. Considerando, no entanto, o número, a qualidade e a variedade dos comentários já existentes, não se torna fácil ao exegeta hodierno trazer dados originais e seguros nesse campo, sentindo embora que muitos passos do Poema continuam obscuros e que cada época reclama explicações novas ou diferentes, de acordo com a sua cultura, com as suas perspectivas de leitura ou com a sua sensibilidade estética.

A forte e original personalidade do Mestre venceu, porém, esse escolho e pôde, graças a um trabalho aturado e profundo, que eu então acompanhei com viva admiração, até pelas precárias condições de saúde em que o desenvolveu, carrear novos e numerosos contributos para uma intelecção mais perfeita do texto e, por conseguinte, para a sua mais completa valorização estética.

A riqueza e novidade de muitos dos seus comentários são, com efeito, notáveis. Bastará, para disso nos darmos conta exacta, atentar em notas como as que consagrou ao verso inicial do Poema – *As armas e os barões assinalados* – àquele (I.26.8) em que o Poeta, referindo-se a Sertório, afirma que *Fingiu na cerva espírito divino*, ou à estrofe 2 do Canto IX, onde menciona as cidades de Suez e de Meca, e comparar depois os dados aí reunidos com os que, para os mesmos passos, aduzira Epifânio da Silva Dias. Pena foi que a preocupação de originalidade o não tivesse deixado ir mais longe.

Atenção muito especial lhe mereceram os intertextos históricos de muitas sequências do Poema, a explicação de inúmeras alusões mitológicas que não estavam ainda completamente clarificadas e a determinação das variantes estilísticas, através das quais Camões exprimiu alguns dos seus temas dominantes.

O volume encerra com um índice de nomes próprios que, além de muito completo, oferece a grande vantagem de não se limitar a um simples registo, para agrupar, a propósito de cada um deles, os

adjectivos que por vezes os qualificam e as metáforas ou as perífrases que não raro os substituem.

Se, pela novidade e exaustividade de grande parte das suas notas esta edição emparceira, completando-as, com outras que a precederam, em especial com a de Epifânio da Silva Dias, pela mesma altura reimpressa no Brasil, graças ao empenho e devoção do Prof. Maximiano de Carvalho e Silva,⁵ esta edição de Costa Pimpão leva-lhes grande vantagem pela segurança crítica do texto, visto que, com fidelidade e rigor, soube modernizar Camões sem o desfigurar.

Apresentando-a agora de novo ao público⁶ – em sintonia de propósitos e intenções com o Instituto de Alta Cultura que há quase 16 anos a patrocinou e promoveu – o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa averba mais um alto serviço à causa, que é sua, de defender e difundir os valores que melhor definem o espaço espiritual lusíada, lembrando ao mesmo tempo o exemplo de saber e probidade intelectual do grande camonista que foi o Doutor Álvaro J. da Costa Pimpão, para quem estudar Camões foi sempre uma tarefa tão aliciante que com ela quis verdadeiramente acabar a sua operosa carreira de Mestre da Universidade portuguesa.

Aníbal Pinto de Castro

Coimbra, Páscoa de 1989

Notas

1

Mercê desse trabalho, pudera publicar em 1944 a monumental edição das *Rimas, Autos e Cartas*, na Portucalense Editora, depois aperfeiçoada na edição das *Rimas* (Coimbra, “Acta Universitatis Conimbrigensis”, 1953; 2.^a ed., revista, ib., Atlântida Editora, 1973).

2

A esta questão voltou na sua lição jubilar (Cf. *A Elegia segunda* “*Aquela que de amor descomedido*” e a chamada *Égloga primeira* “*Que grande*

variedade não fazendo” de Luís de Camões. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973).

3

Cf. *Nova hipótese de solução para o problema da edição “princeps” de “Os Lusíadas” – não houve duas mas quatro edições datadas de 1572*, in “Revista da Universidade de Coimbra”, vol. XXXIII, 1985. pp. 221-240. Sobre a questão das edições de 1572, veja-se ainda Roger Bismut, *Encore le problème de l’édition “princeps” de “Os Lusíadas”*, in “Arquivos do Centro Cultural Português”, vol. XIII, 1978, pp. 435-521; e Bernardo Xavier Coutinho, *A edição “princeps” de “Os Lusíadas”. Um problema complexo e difícil (ou insolúvel?). Muito provavelmente houve 3 edições “princeps”, e não apenas 2, com a data (simulada) de 1572*, in *ib.*, vol. XVI, 1981, pp. 571-720.

4

Cf. *infra*, p. LIII.

5

Os Lusíadas de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. 3.^a ed. Reprodução fac-similada da 2.^a ed. ... Prefácio de Arthur Cezar Ferreira Reis. Estudos prévios de Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1972.

6

O texto agora apresentado reproduz exactamente o de 1973. Apenas se corrigiram manifestos lapsos de composição tipográfica.